

disto capaz, sem logo experimentar que o cotidiano pode ser-lhe o mais corrente apenas porque o caráter de corrente se deve ao esquecimento daquilo que traz à luz de algo que se apresenta, também aquilo que aparentemente é conhecido por si mesmo?

A opinião corrente procura o verdadeiro na multiplicidade do sempre novo, que se derrama pela sua frente. Não vê o brilho silencioso (o ouro) do mistério que na simplicidade da clarificação brilha sem cessar. Heráclito diz (fragmento 9):

Ónous sýrmat 'ân helésthai mǎllon è khrysón.

“Asnos apanham antes a palha que o ouro.”

Mas o ouro do brilho inaparente da clarificação não se deixa apanhar, porque ele mesmo não é algo que procura apanhar, sendo o puro acontecer-manifestando-se. O brilho inaparente da clarificação brota do inviolado velar-se, sob a proteção, que se retém, do destino. Por isso o brilho da clarificação é em si, ao mesmo tempo, o velar-se e neste sentido o mais obscuro.

Heráclito chama-se *ho Skoteinós*. Também para o futuro manterá este nome. Ele é obscuro, porque, questionando, pensa em direção da clarificação.

(Conferências e Ensaios, pp. 53-78)

PARMÊNIDES DE ELÉIA

(CERCA DE 530-460 A.C.)

DADOS BIOGRÁFICOS

Parmênides nasceu em Eléia, hoje Vélia, na Itália. Foi discípulo do pitagórico Amínias e mostra conhecer a doutrina pitagórica. Provavelmente também seguiu as lições do velho Xenófanes. Em Atenas, com Zenão, combate a filosofia dos jônicos. Floresceu por volta de 500 a.C. — Escreveu um poema filosófico, em versos: Sobre a Natureza. Esta obra compreende um preâmbulo e duas partes. Na primeira trata da verdade; na segunda, da opinião. Conservam-se numerosos fragmentos da primeira parte e alguns da segunda. — A atitude polêmica de Parmênides levanta-se tanto contra o dualismo pitagórico (ser e não-ser, cheio e vazio . . .) como, segundo alguns intérpretes, contra o mobilismo de Heráclito.

A — DOXOGRAFIA

Trad. Remberto F. Kuhnen

1. ARISTÓTELES, *Metafísica*, I, 5. 986 b 18 (DK 28 A 24).

Parmênides parece estar vinculado à unidade formal (*katà tòn lógon*), enquanto Melisso, à unidade material (*katà tèn húlen*). — Id., *ibid.*, b 27: Parmênides parece, neste ponto, raciocinar com mais penetração. Julgando que fora do ser o não-ser nada é, forçosamente admite que só uma coisa é, a saber, o ser, e nenhuma outra. . . Mas, constringido a seguir o real (*toĩs phainoménois*), admitindo ao mesmo tempo a unidade formal (*katà tòn lógon*) e a pluralidade sensível (*katà tèn áistesin*), estabelece duas causas e dois princípios: quente e frio, valê dizer, Fogo e Terra. Destes (dois princípios) ele ordena um (o quente) ao ser, o outro ao não-ser. — Id., *ibid.*, III, 5. 1010 a 1: Examinando a verdade nos seres, como seres admitia só as coisas sensíveis.

2. ARISTÓTELES, *Do Céu*, III, 1. 298 b 14 (DK 28 A 25).

Uns negam absolutamente geração e corrupção, pois nenhum dos seres nasce ou perece, a não ser em aparência para nós. Tal é a doutrina da escola de Melisso e de Parmênides, doutrina que, por excelente que seja, não pode ser tida como fundada sobre a natureza das coisas. Pois, se existem seres engendrados e absolutamente imóveis, pertencem mais a ciência outra que não à da natureza, e anterior a ela. Mas estes (filósofos), ao conceberem a existência apenas para a substância das coisas sensíveis, crendo plenamente nisso, e os primeiros naquilo, i. e., que sem tais naturezas imóveis não pode haver nem conhecimento nem sabedoria, não faziam mais que transferir aos seres sensíveis as razões só válidas para as realidades. — Id., *Da Geração e Corrupção* I, 8. 325 a 13: Partindo desses raciocínios, deixando de lado o testemunho dos sentidos e negligenciando-o sob o pretexto de que se deve seguir a razão, alguns (pensadores) ensinam que o todo é um, imóvel e ilimitado; pois o limite só poderia limitar em relação ao vazio. Tais são as causas pelas quais esses (pensadores) desenvolveram as teorias sobre a verdade. Certamente, segundo este raciocínio, parece suceder assim com estas coisas: mas, se se tomam em conta fatos, semelhante opinião parece-se com uma loucura.

3. PLATÃO, *Teeteto*, 181 a (DK 28 A 26).

Mas se os partidários do imobilismo do todo nos parecem dizer mais a verdade, havemos de procurar junto deles nosso refúgio contra os que fazem mover-se o imóvel. — Sexto Empírico, *Contra os Matemáticos*, X, 46: (O movimento) não existe segundo os filósofos da escola de Parmênides e de Melisso. Aristóteles, num de seus diálogos relacionados à posição de Platão, os chama de imobilistas e não-físicos; imobilistas, porque são partidários da imobilidade; e não-físicos, porque a natureza é princípio de movimento, que eles negam, afirmando que nada se move.

4. ARISTÓTELES, *Física*, III, 6. 207 a 9 (DK 28 A 27).

Pois definimos o todo como aquilo de que nada está ausente; por exemplo, o homem é um todo ou um cofre. E, como nas coisas individuais, assim é o todo em sentido absoluto, a saber, o todo fora do qual nada há. Mas aquilo a que falta alguma coisa que permanece fora não é um todo (por menos que lhe falte). Ora, todo e perfeito são absolutamente da mesma natureza ou estão bem perto. Mas nada é perfeito (*téleios*) se não tiver termo (*télos*); ora, o termo é o limite. Por isso se deve julgar que Parmênides tinha razão contra Melisso, pois este proclama "o todo infinito", enquanto aquele o diz finito "igualmente distante dum centro".

5. SIMPLÍCIO, *Física*, I 15, 11 (DK 28 A 28).

Segundo Alexandre, Teofrasto, no primeiro livro de sua *Física*, relata assim o raciocínio de Parmênides: "O que está fora do ser não é ser; o não-ser é nada; o ser, portanto, é um". E Eudemo (conta) da seguinte forma: "O que está fora do ser não é ser; e só de uma maneira se chama o ser; um, portanto, é o ser". Se Eudemo escreveu isso em alguma outra parte com tanta sabedoria, não sei dizer. Mas nos *Físicos*, a respeito de Parmênides, escreveu o seguinte, donde é igualmente possível deduzir o que foi dito: "Parmênides não parece demonstrar que um é o ser, nem se alguém com ele concordaria em chamar o ser de uma só forma, a não ser o que foi revelado nele de cada um como o homem denre os homens".

E dando em detalhe as palavras, a palavra do ser subsiste em todas as coisas como uma e ela mesma, assim, como a do animal nos animais. Da mesma maneira, se todos os seres fossem belos e nada fosse tomar o que não é belo, mas belas serão todas as coisas, e na verdade não é um só o belo mas muitos (pois a cor será bela em relação à familiaridade, aos costumes ou por outro motivo qualquer), assim também os seres todos serão, mas não um nem o mesmo; pois um é a água e outro, o fogo. Por conseguinte, ninguém leve a mal se Parmênides seguiu palavras não merecedoras de fé e se foi enganado pelas que então ele não soube explicar claramente — pois ninguém o disse de muitos modos, e foi Platão o primeiro que introduziu o duplo (sentido), nem o (sentido) em si nem o por casualidade. Parece que ele foi totalmente enganado por elas (as palavras). É isso que foi observado das suas palavras e contradições e o raciocinar (*sylogízeisthai*); pois não concordava, se não parecesse forçoso. Os antecessores, porém, o afirmaram sem provas.

6. TEOFRASTO, *Da Sensação*, I ss. (DK 28 A 46).

A respeito da sensação, as numerosas opiniões em geral se reduzem a duas: uns, com efeito, atribuem-na ao semelhante; outros, ao contrário. Parmênides, Empédocles e Platão (atribuem-na) ao semelhante, e os da escola de Anaxágoras e Heráclito, ao contrário... (3) Parmênides não definiu absolutamente nada, apenas afirmou que, por haver só dois elementos, do predomínio de um sobre o outro depende o conhecimento. Pois, se prevalecer o quente ou o frio, a inteligência será outra; melhor e mais pura é aquela que (procede) do quente; todavia, também esta precisa de certa proporção (equilíbrio): "Pois como... pensamento". (É o fragmento 16, ver p. 151). Com efeito, Parmênides considera a sensação e a inteligência a mesma coisa. Por isso também a memória e o esquecimento se originam destas devido à mistura. Mas, no caso de haver igualdade de mistura, haverá pensamento ou não? E qual será sua índole? Nada ainda esclareceu. Mas, que atribui a sensação também ao contrário em si, torna-se manifesto de sua afirmação de que o cadáver não percebe a luz, o calor, e a voz devido à deficiência de fogo, mas que percebe o frio, o silêncio e os contrários. E acrescenta que, em geral, todo ser tem certo conhecimento.

B — FRAGMENTOS

Trad. de José Cavalcante de Souza

SOBRE A NATUREZA (DK 28 B 1-9)

1. SEXTO EMPÍRICO VII, 111 e ss. (versos 1-30), e SIMPLÍCIO, *Do Céu*, 557, 20 (vv. 28-32).

As éguas que me levam onde o coração pedisse
conduziam-me, pois à via multifalante me impeliram
da deusa, que por todas as cidades leva o homem que sabe;
por esta eu era levado, por esta, muito sagazes, me levaram
as éguas o carro puxando, e as moças a viagem dirigiam.

5

O eixo nos meões emitia som de sirena
incandescendo (era movido por duplas, turbilhonantes
rodas de ambos os lados), quando se apressavam a enviar-me
as filhas do Sol, deixando as moradas da Noite,
para a luz, das cabeças retirando com as mãos os véus.

10

É lá que estão as portas aos caminhos de Noite e Dia,
e as sustenta à parte uma verga e uma soleira de pedra,
e elas etéreas enchem-se de grandes batentes;
destes Justiça de muitas penas tem chaves alternantes.

15

A esta, falando-lhe as jovens com brandas palavras,
persuadiram habilmente a que a tranca aferrolhada
depressa removesse das portas; e estas, dos batentes,
um vão escancarado fizeram abrindo-se, os brônzeos
umbrais nos gonzo alternadamente fazendo girar,
em cavilhas e chavetas ajustados; por lá, pelas portas
logo as moças pela estrada tinham carro e éguas.

20

E a deusa me acolheu benévola, e na sua a minha
mão direita tomou, e assim dizia e me interpelava:

Ó jovem, companheiro de aurigas imortais,
tu que assim conduzido chegas à nossa morada,
salve! Pois não foi mau destino que te mandou perلustrar
esta via (pois ela está fora da senda dos homens),
mas lei divina e justiça; é preciso que de tudo te instruas,
do âmago inabalável da verdade bem redonda,
e de opiniões de mortais, em que não há fé verdadeira.

25

30

No entanto também isto aprenderás, como as aparências
deviam validamente ser, tudo por tudo atravessando.

2. PROCLO, Comentário ao Timeu, I, 345, 18.

Pois bem, eu te direi, e tu recebe a palavra que ouviste,
os únicos caminhos de inquérito que são a pensar:
o primeiro, que é e portanto que não é não ser,
de Persuasão é caminho (pois à verdade acompanha);
o outro, que não é e portanto que é preciso não ser,
este então, eu te digo, é atalho de todo incrível;
pois nem conhecerias o que não é (pois não é exequível),
nem o dirias...

3. CLEMENTE DE ALEXANDRIA, Tapeçarias, VI, 23.

..... pois o mesmo é a pensar e portanto ser.

4. IDEM, Ibidem, V, 15.

Mas olha embora ausentes à mente presentes firmemente;
pois não deceparás o que é de aderir ao que é,
nem dispersado em tudo totalmente pelo cosmo,
nem concentrado...

5. PROCLO, Comentário a Parmênides, I, p. 708, 16.

..... para mim é comum
onde eu comece; pois aí de novo chegarei de volta.

6. SIMPLÍCIO, Física, 117, 2.

Necessário é o dizer e pensar que (o) ente é; pois é ser,
e nada não é; isto eu te mando considerar.
Pois primeiro desta via de inquérito eu te afasto,
mas depois daquela outra, em que mortais que nada sabem
erram, duplas cabeças, pois o imediato em seus
peitos dirige errante pensamento; e são levados
como surdos e cegos, perplexas, indecisas massas,
para os quais ser e não ser é reputado o mesmo
e não o mesmo, e de tudo é reversível o caminho.

7-8. PLATÃO, Sofista, 237 A (versos 7, 1-2); SEXTO EMPÍRICO, VII, 114 (vv. 7, 3-6); SIMPLÍCIO, Física, 114, 29 (vv. 8, 1-52); IDEM, ibidem, 38, 28 (vv. 8, 50-61).

(7.) Não, impossível que isto prevaleça, ser (o) não ente.
Tu porém desta via de inquérito afasta o pensamento;
nem o hábito multiexperiente por esta via te force,
exercer sem visão um olho, e ressoante um ouvido,
e a língua, mas discerne em discurso controversa tese
por mim exposta.

(8.) Só ainda (o) mito de (uma) via
resta, que é; e sobre esta indícios existem,
bem muitos, de que ingênito sendo é também imperecível,

pois é todo inteiro, inabalável e sem fim;
nem jamais era nem será, pois é agora todo junto,
uno, contínuo; pois que geração procurarias dele?
Por onde, donde crescido? Nem de não ente permitirei
que digas e penses; pois não dizível nem pensável
é que não é; que necessidade o teria impelido
a depois ou antes, se do nada iniciado, nascer?
Assim ou totalmente é necessário ser ou não.

Nem jamais do que em certo modo é permitia força de fê
nascer algo além dele; por isso nem nascer
nem perecer deixou justiça, afrouxando amarras,
mas mantém; e a decisão sobre isto está no seguinte:
é ou não é; está portanto decidido, como é necessário,
uma via abandonar, impensável, inominável, pois verdadeira
via não é, e sim a outra, de modo a se encontrar e ser real.
E como depois pereceria o que é? Como poderia nascer?
Pois se nasceu, não é, nem também se um dia é para ser.
Assim geração é extinta e fora de inquérito perecimento.

Nem divisível é, pois é todo idêntico;
nem algo em uma parte mais, que o impedisse de conter-se,
nem também algo menos, mas é todo cheio do que é,
por isso é todo contínuo; pois ente a ente adere.

Por outro lado, imóvel em limites de grandes liames
é sem princípio e sem pausa, pois geração e perecimento
bem longe afastaram-se, rechaçou-os fê verdadeira.

O mesmo e no mesmo persistindo em si mesmo pausa.
e assim firmado aí persiste; pois firme a Necessidade
em liames (o) mantém, de limite que em volta o encerra,
para ser lei que não sem termo seja o ente;
pois é não carente; não sendo, de tudo careceria.

O mesmo é pensar e em vista de que é pensamento.
Pois não sem o que é, no qual é revelado em palavra,
acharás o pensar; pois nem era ou é ou será
outro fora do que é, pois Moira o encadeou
a ser inteiro e imóvel; por isso tudo será nome
quanto os mortais estatuíram, convictos de ser verdade,
engendrar-se e perecer, ser e também não,
e lugar cambiar e cor brilhante alternar.

Então, pois limite é extremo, bem terminado é,
de todo lado, semelhante a volume de esfera bem redonda,
do centro equilibrado em tudo; pois ele nem algo maior
nem algo menor é necessário ser aqui ou ali;
pois nem não-ente é, que o impeça de chegar
ao igual, nem ente é que fosse a partir do ente
aqui mais e ali menos, pois é todo inviolado;
pois a si de todo lado igual, igualmente em limites se encontra.

Neste ponto encerro fidedigna palavra e pensamento
sobre a verdade; e opiniões mortais a partir daqui
aprende, a ordem enganadora de minhas palavras ouvindo.

Pois duas formas estatuíram que suas sentenças nomeassem,
das quais uma não se deve — no que estão errantes —;
em contrários separaram o compacto e sinais puseram
à parte um do outro, de um lado, etéreo fogo de chama,
suave e muito leve, em tudo o mesmo que ele próprio
mas não o mesmo que o outro; e aquilo em si mesmo (puseram)
em contrário, noite sem brilho, compacto denso e pesado.

A ordem do mundo, verossímil em todos os pontos, eu te revelo,
para que nunca sentença de mortais te ultrapasse.

9. SIMPLÍCIO, *Física*, 180, 8.

Mas desde que todas (as coisas) luz e noite estão denominadas,
e os (nomes aplicados) a estas e aquelas segundo seus poderes,
tudo está cheio em conjunto de luz e de noite sem luz,
das duas igualmente, pois de nenhuma (só) participa nada.

10. CLEMENTE DE ALEXANDRIA, *Tapeçarias*, V, 138.

*Saberás e expansão luminosa do éter e o que, no éter,
é tudo signo, do sol resplandecente, límpido
luzeiro, efeitos invisíveis, e donde provieram;
efeitos circulantes saberás da lua de face redonda,
e sua natureza; e saberás também o céu que circunda,
donde nasceu e como, dirigindo, forçou-o Ananke
a manter limites de astros.*

11. SIMPLÍCIO, *Do Céu*, 559-20.

..... Como terra, sol e lua,
éter comum, celeste via láctea; Olimpo
extremo e de astros cálida força se lançaram.

12. IDEM, *Física*, 39, 12.

Pois os mais estreitos encheram-se de fogo sem mistura,
e os seguintes, de noite, e entre (os dois) projeta-se parte de chama;
mas no meio destes a Divindade que tudo governa;
pois em tudo ela rege odioso parto e união
mandando ao macho unir-se a fêmea e pelo contrário
o macho à fêmea.

13. PLATÃO, *Banquete*, 178 B.

Primeiro de todos os deuses Amor ela concebeu.

14. PLUTARCO, *Contra Colotes*, 15, p. 1116 A.

Brilhante à noite, errante em torno à terra, alheia luz.

15. IDEM, *Da Face da Lua*, 16, 6 p. 929 A.

Sempre olhando inquieta para os raios do sol.

16. ARISTÓTELES, *Metafísica*, III, 5. 1009 b 21.

Pois como cada um tem mistura de membros errantes,
assim a mente nos homens se apresenta; pois o mesmo
é o que pensa nos homens, eclosão de membros,
em todos e em cada um; pois o mais é pensamento.

17. GALENO, in *Epid.*, VI, 48.

À direita os rapazes, à esquerda as moças.

18. CÉLIO AURELIANO, *Morb. Cron.*, IV, 9, p. 116.

Mulher e homem quando juntos misturam sementes de Vênus,
nas veias informando de sangue diverso a força,
guardando harmonia corpos bem forjados modela.
Pois se as forças, misturando o sêmen, lutarem
e não se unirem no corpo misturado, terríveis
afligirão o sexo nascente de um duplo sêmen.

19. SIMPLÍCIO, *Do Céu*, 558, 8.

Assim, segundo opinião, nasceram estas (coisas) e agora são
e em seguida a isso se consumarão, uma vez crescidas;
um nome lhes atribuíram os homens, distintivo de cada.